



História e memória de um parque na figuração da paisagem da cidade

Larissa Pinheiro¹

Aline Trigueiro²

RESUMO

O artigo conta a história do Parque Moscoso, uma área verde pública localizada no Centro da cidade de Vitória-ES, por meio de material iconográfico e outras fontes documentais. A história do parque, inaugurado em 1912, é um mote para se compreender o movimento maior que foi o projeto de urbanização ocorrido nesta cidade, centrado nos eixos embelezamento, racionalização e higienização, durante a primeira metade do século XX. Quanto aos resultados do estudo, merecem destaques as diferentes formas de uso da área verde em questão, dentre elas, atividades civis variadas e militares, que revelam o quanto a dinâmica da vida sociocultural na cidade de Vitória já teve o parque como epicentro de seus acontecimentos. A contribuição que almejamos produzir com o presente trabalho inclui um entendimento da paisagem urbana – assim como de suas transformações – mais próximo das experiências que marcam os seus usos sociais, tanto quanto das sensibilidades envolvidas.

Palavras-Chave: Paisagem, Urbanização, Áreas Verdes, Parque Moscoso.

Recebido em 27/04/2018

Aceito para publicação em 11/11/2018

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v22i2.19360>

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFES). E-mail: larissafma@gmail.com.

² Doutora em Sociologia (PPGSA/UFRJ). Professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: aline_trigueiro@hotmail.com.

Introdução

Figura 01 - Parque Moscoso (Vitória-ES), celebração dos 103 anos (25/5/2015)



Fonte: Aline Trigueiro (acervo pessoal)

Figura 02 - Parque Moscoso (Vitória-ES), celebração dos 103 anos (25/5/2015)



Fonte: Aline Trigueiro (acervo pessoal)

Utilizadas como frontispícios, as Figuras 01 e 02 que abrem este artigo nos remetem a um momento de celebração: os 103 anos da criação do Parque Moscoso, uma área verde pública de aproximadamente 24 mil m² localizada no Centro da cidade de Vitória-ES. Trata-se do mais antigo parque urbano da

cidade, tendo sido inaugurado em 1912, já sob os efeitos de uma agenda política comprometida com a reforma urbana.

Inicialmente, era uma área alagadiça de mangue, que por força das políticas de aterramento iniciadas ainda no século XIX e continuadas no XX, vai sendo transformada em um espaço verde para a recreação, tal como descrito na reportagem do jornal Diário da Manhã: “Desapareceu o reguinho. Onde outr’ora se via o extenso e famoso tremedal - Campinho, viveiro de moluscos e mosquitos, fóco de beri-beri, ostenta-se agora a risonha villa Moscoso, com bello parque caprichosamente ajardinado” (DIÁRIO DA MANHÃ, 1911, p. 2). A fotografia abaixo apresenta a área em questão (Figura 03).

Figura 03 - Área alagada onde seria construído o Parque Moscoso, 1906



Fonte: IPHAN-ES

Construído em plena área central da capital, o Parque Moscoso é fruto dessas ações modernizadoras em curso na cidade de Vitória na passagem do século XIX para o XX. Tratou-se de um período de ampla alteração do desenho urbano encampado pelas administrações de três governadores da Primeira República: Moniz Freire (1892-96/1904-08), Jerônimo Monteiro (1908-12) e Florentino Avidos (1924-28), cujas propostas estavam pautadas na construção de uma cidade moderna a partir da consolidação de uma política baseada nos eixos embelezamento, racionalização e higienização³. Os investimentos públicos eram dirigidos em grande medida para a capital e o foco era a

³ Pode-se dizer que as transformações mais radicais no desenho da cidade ocorreram a partir da gestão de Jerônimo Monteiro, que em menor escala poderia ser comparado a Francisco Pereira Passos (1902-06) no Rio de Janeiro, o responsável por uma grande reforma urbana que se tornou referência para todo o país (PINTO JUNIOR, 2012).

infraestrutura urbana, o que incluía aterramentos de mangues, drenagens, arruamentos e as obras do porto. Além disso, também ganharam relevo as reformas dos edifícios públicos, a construção de praças e parques (SOUZA e FREITAS, 2010).

É exatamente no bojo desse processo que um espaço de natureza idílica, refeita por meio de um paisagismo de inspiração bucólica e capaz de mobilizar novos ideais de uso para a cidade, foi planejado. Assim nasce o Parque Moscoso. Foi nomeado enquanto tal em homenagem a Henrique de Ataíde Lobo Moscoso, ex-presidente da província do Espírito Santo (entre os anos de 1888-1889). A sua ambiência era condizente com os passeios públicos que já habitavam outras metrópoles brasileiras⁴, tal como o Passeio Público do Rio de Janeiro, construído em 1783, o primeiro parque ajardinado do país (SANTUCCI, 2003).

Na obra *Cenas e paisagens do Espírito Santo*, da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), que esteve em visita a cidade de Vitória no ano de 1912, encontramos referências importantes dessa modernização em curso.

Há coisas que não se vêem nem se explicam — sentem-se. O ambiente de um lugar tem a sua voz que, embora intraduzível, nos assegura se nele se vive com esperança ou desespero. E tudo, neste torrãozinho pitoresco que é a velha cidade de Vitória, me fala do futuro, porque, todo ele é uma esperança que lateja, uma crisálide que rompe o tosco casulo abandonado para espanejar à luz as asas multicores. Basta olhar, de qualquer ponto em que se descortine uma área considerável, para se observar o seu esforço de transformação. Os mangues, a que aludi, começam a desaparecer sob as camadas do aterro. Na parte baixa da cidade, em uma planície conquistada a um antigo e extenso lodaçal, Vila Moscoso, vi o debuxo de duas avenidas e um parque já com o leito do seu lago pronto e já combinadas as suas futuras sombras pelo agrupamento das plantas, indicadas nos relvados nascentes. (...)
Por minha parte confesso que tive intenso prazer surpreendendo no Estado do Espírito Santo, tão acoimado de

⁴ Sabe-se que o projeto paisagístico do Parque Moscoso é de autoria de Paulo da Motta Teixeira, tendo inspiração no estilo eclético e que a sua inauguração ocorreu exatamente no dia 19 de maio de 1912. Foram incluídos no jardim do Parque: fontes luminosas, repuxos, ruínas de templos greco-latinos, caminhos sinuosos e lagoas com ilhotas artificiais com sapos e pontes em concretos cujos parapeitos imitavam troncos de árvores. Também foram projetados coreto, orquidário e alamedas.

pobre e de rotineiro, um tão grande movimento de progresso e de transformação, e que julgo cumprir um dever de patriotismo afirmando a convicção que nutro de que essas terras, dentro em pouco tempo, atrairão só por si capitais importantes que para elas irão espontaneamente, na certeza de ótimas recompensas. Já não é um Estado rotineiro; é um Estado progressista. (ALMEIDA, Júlia Lopes de, 1912, s/p. Fonte: Site Estação Capixaba – grifo nosso).

As palavras da escritora – *um tão grande movimento de progresso e de transformação* – fazem-nos atentar para a experiência social desse processo, notadamente para a forma como vai sendo consolidado o ideário moderno no cotidiano da cidade de Vitória. Como se sabe, esse já era um movimento em curso no cenário urbano da capital da República - o Rio de Janeiro - em cuja dinâmica Julia Almeida se encontrava inserida. Não obstante, tal fato parecia surpreender a escritora quando identificado em lugares considerados provincianos: a *velha cidade de Vitória*, como ela mesma escreve. Para além disso, e o que parece mais marcante no trecho destacado, são seus sentidos implícitos: uma interpretação que secciona a vida local em dois momentos distintos, um *antes* e outro *depois* das reformas urbanas, imprimindo ao segundo momento uma maior importância e destaque.

Os efeitos simbólicos dessas alterações também estão acentuados no texto de Júlia Almeida. Via-se já em curso a tentativa de superação de um passado colonial, considerado atrasado, em prol de um novo ideal de cidade, salubre, retificada e moderna. Foi assim que, de área alagadiça à condição de espaço verde público, o Moscoso vai se tornando um lugar potencialmente capaz de promover experiências de troca e interação. A forma como era conhecido, “*o Eden, o Paraíso da Victoria!*” (*DIÁRIO DA MANHÃ, 1911a, p. 2*), ilustra bem como esse espaço foi sendo incorporado ao dia-a-dia da cidade⁵.

A história do Parque Moscoso que passamos a contar aqui é, portanto, um mote, ou melhor, o ponto de partida para uma reflexão sobre as formas de habitar a cidade, quer sejam estas promovidas pelas ações e intervenções governamentais (via projetos urbanísticos), quer sejam pelos usos cotidianos dos “*praticantes ordinários da cidade*”, no sentido tratado por Certeau (2014). O estudo apresentado foi feito a partir de pesquisas em acervos públicos na

⁵ É fato que desde a sua construção o Parque Moscoso passou a servir como ponto de encontro dos capixabas que o utilizam para passear, paquerar, brincar, tornando-se um local de sociabilidade que atravessou e atravessa gerações. Na sua condição de Parque Urbano, não tem apenas função ecológica, mas também estética e de lazer.

busca por documentos e material iconográfico (imagens e fotografias) que retratassem a transformação da paisagem urbana do Centro da cidade de Vitória, tendo como foco o Parque. O objetivo era perceber as relações entre a vida da cidade e as áreas verdes públicas, em especial, aquelas constituídas por meio de projetos urbanísticos na primeira metade do século XX⁶.

Foram selecionadas mais de cento e cinquenta fotografias encontradas do Parque Moscoso e suas imediações, coletadas no Arquivo Público Estadual, na Biblioteca Estadual, no Instituto Jones dos Santos Neves, nas Coleções Especiais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no Arquivo Histórico Municipal e também no *site* Estação Capixaba⁷, tendo como recorte histórico a primeira metade do século XX⁸. Também pesquisamos dados sobre o Parque Moscoso na revista *Vida Capixaba* (no período de 1920-49) e no jornal *Diário da Manhã* (no período de 1900-39).

A utilização das fotografias como fonte de pesquisa foi um recurso para se adentrar o ambiente dessa memória afetiva que remete às lembranças e experiências ligadas ao local, por meio delas buscamos chegar aos usos individuais e coletivos que foram se estabelecendo no espaço do parque ao longo do tempo. Durante a pesquisa, a cada material encontrado (documentos, fotografias, cartões postais, etc.), indagávamo-nos em que medida as áreas verdes públicas e seus espaços de lazer seriam capazes de nos contar acerca das dinâmicas de sociabilidade instauradas na cidade, algumas destas observações serão discutidas neste artigo.

Por fim, e em síntese, a escrita deste trabalho articula dois propósitos: 1) discutir a história da criação do parque Moscoso, entrecruzada com o contexto de reforma e modernização do espaço urbano da cidade de Vitória, na primeira metade do século XX; 2) apresentar as formas sociais de uso que marcam as experiências das pessoas em meio a esta área verde pública. Com essa abordagem, almejamos trazer à tona uma leitura da paisagem urbana que envolva a um só tempo as relações entre os projetos urbanísticos e a vida da/na cidade, ou seja, as diferentes formas de apropriação dos espaços públicos.

⁶ O presente artigo é um desdobramento das análises e dos dados coletados durante o desenvolvimento do subprojeto de pesquisa (PIBIC/UFES) desenvolvido por Larissa Pinheiro entre agosto de 2015 e agosto de 2016, intitulado *Paisagem Urbana: a memória do Parque Moscoso*. O referido subprojeto foi orientado pela Profa. Aline Trigueiro (DCSO/UFES) e esteve vinculado ao projeto *Estudos da Paisagem: horizontes sensíveis e vivências culturais*, coordenado pela mesma docente.

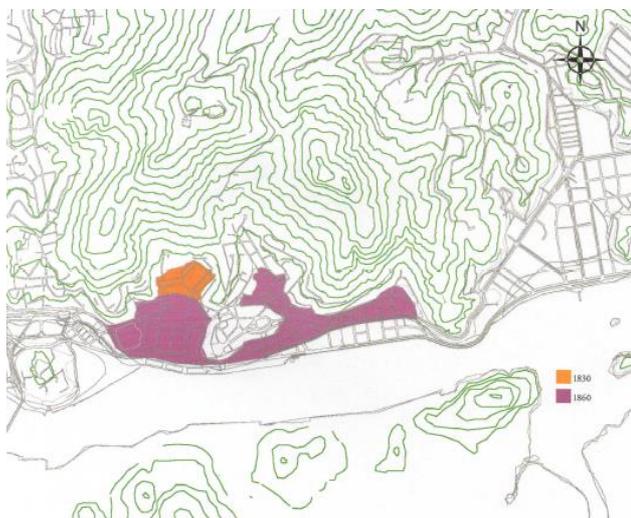
⁷ <http://www.estacaoapixaba.com.br/>

⁸ Aqui apresentamos apenas uma seleção de imagens dentre as que foram pesquisadas.

A criação do Parque Moscoso

Para se entender o processo de criação do Parque Moscoso é preciso retomar alguns fatos ocorridos em épocas anteriores ao ano de 1912 (ano de sua inauguração), já que as primeiras intervenções nas proximidades do parque ocorreram ainda no século XIX. O destaque deve ser dado às obras de aterro e ao processo de expansão da primeira área de ocupação, a Cidade Alta⁹, como podemos identificar na Figura 04. As cores laranja e rosa no mapa representam as porções aterradas da cidade, cujas obras foram concluídas respectivamente em 1830 e 1860.

Figura 04 - Mapa dos aterros ocorridos na área central da cidade no século XIX



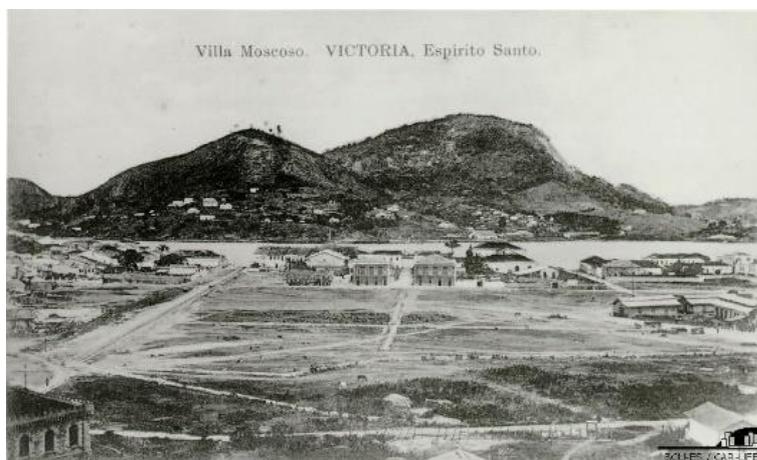
Fonte: Klug (2008)

Antes de 1830, no governo de Francisco Alberto Rubim (1812-19), e muito antes da criação do parque, já havia sido realizado um aterro para ligar o Porto dos Padres à construção da Santa Casa de Misericórdia, passando pela lateral do Campinho e originando a Rua do Comércio. O local aterrado era uma área de mangue chamada Lapa do Mangal. Todavia, no que foi feita essa obra para facilitar o acesso ao hospital, acabou criando um alagadiço poluído e foco de doenças como béri-béri, febre amarela, malária, dentre outras. Tempos depois, como forma de contornar a situação, foi realizado mais um aterro na

⁹ Klug (2009, p. 19) nos conta que o sítio físico da cidade de Vitória era limitado, encontrava-se entre “o mar, o morro e as áreas alagadiças [que] funcionavam como limites para o crescimento da cidade”. Por conta de sua topografia a expansão da cidade foi feita inicialmente em direção à parte alta da cidade, já que a parte baixa era recorrentemente alagada.

parte interna do Campinho, o qual foi iniciado em 1882 no governo do presidente da Província Dr. Henrique Ataíde Lobo Moscoso. Essa, posteriormente, viria a ser a área escolhida para a construção do Parque Moscoso (Figura 05).

Figura 05 - Villa Moscoso, 1910. Vê-se em destaque o Campinho, onde depois foi edificado o Parque Moscoso. Ao fundo, a Baía de Vitória e Paul em Vila Velha. Autor desconhecido



Fonte: BCU-ES/CAR-UFES

A fotografia acima mostra a área do Campinho no ano de 1910 já com algumas edificações, antes mesmo da construção do parque. O destaque ao fundo da fotografia é para a baía de Vitória, donde se vê o contorno costeiro e, do outro lado da margem, Vila Velha, em meio aos dois morros proeminentes. Já na Figura 06, abaixo, observa-se por outro ângulo a área do Campinho, desta vez uma paisagem da parte mais alta da cidade, onde encontramos uma substantiva urbanização. Também é possível observar a distinção topográfica entre a chamada Cidade Alta e a parte baixa da cidade.

Figura 06 - Área que viria a ser o Parque Moscoso, 1908. Rua General Osório, próximo ao atual Centro de Saúde. No alto, a Igreja do São Gonçalo (esquerda) e Palácio do Governo (centro). Autor Desconhecido



Fonte: BCU-ES/CAR-UFES

Com o passar das décadas e com os fluxos migratórios decorrentes da ascensão da economia do café, na virada do século XIX para o XX, e posteriormente com o início da industrialização, a cidade de Vitória – mais especificamente a região do Centro – vai sofrer profundas alterações. Nesse bojo, os projetos urbanísticos que se desenvolveram priorizaram o estabelecimento de importantes áreas verdes na região. O Parque Moscoso resulta desse ensejo, no qual os restos da “cidade provinciana” deveriam ser substituídos por um projeto de urbanização moderno. A sua construção se deu em um período de prosperidade econômica, lastreado pela cultura cafeeira, que durou até aproximadamente a década de 1950 (CAMPOS JUNIOR, 2002).

Tanto Moniz Freire (1892-96/1904-08), quanto Jerônimo Monteiro (1908-12) têm papel de destaque nas reformas urbanas encampadas em Vitória, sendo ambos representantes das forças políticas dominantes no Espírito Santo (PINTO JUNIOR, 2012). Com Moniz Freire ocorre uma política diferenciada de intervenções que vai transformar a paisagem de Vitória, tendo como sua ação mais significativa a criação da Comissão de Melhoramentos da Capital, encabeçada pelo engenheiro-sanitarista Francisco Saturnino de Brito que projetou o *Novo Arrabalde*. Tratava-se, este, de um projeto que culminou no aterramento de parte da cidade em direção às praias e mangues, no lado leste da ilha de Vitória, aumentando de cinco a seis vezes a área ocupada do espaço urbano¹⁰.

¹⁰ Segundo Moreira e Perrone (2007, p. 85, apud CAMPOS Jr., citado in Diário Capixaba, p. 53): “Todas as intervenções realizadas pelo governo em Vitória, no período de Moniz Freire,

Em conformidade com essas ações, a própria construção do Parque Moscoso pode ser entendida como um emblema da modernidade em curso. Importa lembrar que os parques públicos são por definição símbolos marcantes da grande cidade, edificam por meio de seu desenho e usos sociais uma ruptura com a velha ordem tradicional. Como escrevem Macedo e Sakata (2003, p. 7), “o Parque Urbano é um produto da cidade da era industrial”, acentuando que a demanda por esses espaços de lazer e ócio ganha proeminência no século XIX, na Europa. Já no Brasil, o maior destaque se dá com o período republicano, conforme aprofundam os autores:

O período republicano caracteriza-se, nos seus primórdios, por um processo de expressiva modelagem urbana, que, sob a égide da salubridade, transforma áreas inteiras de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Santos em espaços saudáveis, dotados de toda a infraestrutura necessária à vida moderna das elites. (MACEDO e SAKATA, 2003, p. 25).

Como se observa, os planejadores urbanos da cidade de Vitória partilhavam dos ideais modernizadores já em curso em outras cidades brasileiras, ao estruturarem um modelo de cidade para as elites. Para tanto, cabia adotar os mesmos padrões, incorporar e vivenciar os mesmos gostos, as mesmas práticas das metrópoles. Desta feita, o parque urbano no Brasil do século XIX e XX assumia uma função importante na consolidação deste projeto, qual seja, a de ser “um grande cenário, um elemento urbano codificador de uma modernidade importada, totalmente alheio às necessidades sociais da massa urbana (...)” (MACEDO e SAKATA, 2003, p. 24). Os autores afirmam ainda, que:

O parque urbano brasileiro, ao contrário do seu congênere europeu, não surge da urgência social de atender às necessidades das massas urbanas da metrópole do século XIX.(...) O parque é criado, então, como uma figura complementar ao cenário das elites

tiveram explícito caráter de classe. Suas ações não se isentaram de favorecer as frações do capital, detentoras de maior poder naquele momento. O planejamento e a construção do novo arrabalde associavam-se à estratégia de lucro da Companhia construtora (Torrens): expectativa da valorização dos terrenos de Vitória, então propriedade da Companhia.”

emergentes, que controlavam a nova nação em formação e que procuravam construir uma figuração urbana compatível com a de seus interlocutores internacionais, especialmente ingleses e franceses. (MACEDO e SAKATA, 2003, p. 16).

Desse modo, com a construção do Parque Moscoso a área central da cidade, antes um espaço considerado insalubre, foi transformada em local de moradia de ricos comerciantes do café e profissionais liberais bem-sucedidos (magistrados, médicos, advogados, etc.). Valorizada, a região se tornou um dos locais mais privilegiados da cidade, onde foram construídas várias residências no seu entorno. Eram verdadeiros palacetes ecléticos, sendo o parque considerado extensão de suas próprias casas, levando em consideração que não existiam muros ao redor do mesmo o que causava essa sensação de continuidade. Nota-se a bela dimensão do casario ao redor do parque, conforme a Figura 07.

Figura 07 - Parque Moscoso, recém-inaugurado, 1912. Ao fundo, a Escola Maria Ortiz e os fundos do Palácio do Governo. Autor desconhecido

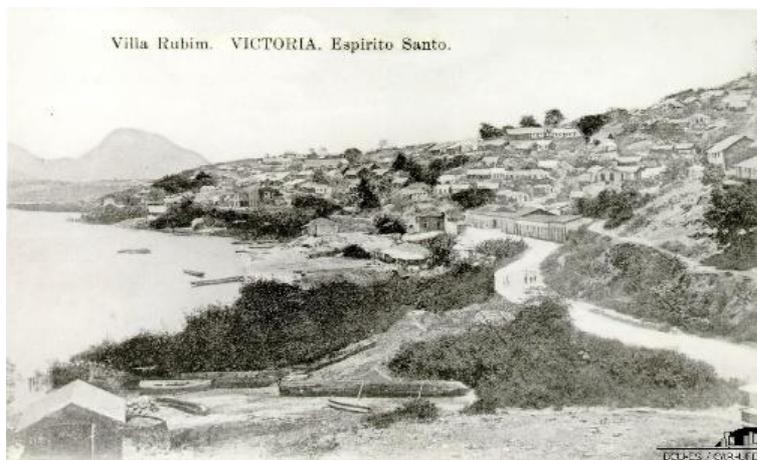


Fonte: BCU-ES/CAR-UFES

Antes mesmo de terminadas as obras do aterro, os lotes do quarteirão delimitado para o projeto já haviam sido vendidos (KUSTER, 2003), demonstrando o quanto a construção do parque esteve, desde o seu início, guiada por uma estratificação espacial e social na cidade. Cabe lembrar que a Vila Rubim, denominada à época de Cidade de Palha, estava localizada na parte oeste do sítio físico da cidade, vizinha à Vila Moscoso, e tornou-se, por contraste, a

área que abrigava a população mais empobrecida da cidade, como é possível perceber na Figura 08. Uma das razões da urbanização realizada por Moniz Freire (1892-1896/1904-08) ter avançado para o leste em direção às praias, e não para o oeste, seria exatamente a existência da Vila Rubim e de sua população pobre. Caso a urbanização fosse deslocada para aquele lado da Vila representaria a inclusão desse segmento social nas ondas do progresso material, possibilitando que essa população usufruísse dos benefícios da urbanização, o que não era de interesse do governo nem das elites econômicas (FERREIRA, 2016).

Figura 08 - Vila Rubim, 1908. Rua Marcos de Azevedo, ao fundo o Mochuara.
Autor desconhecido



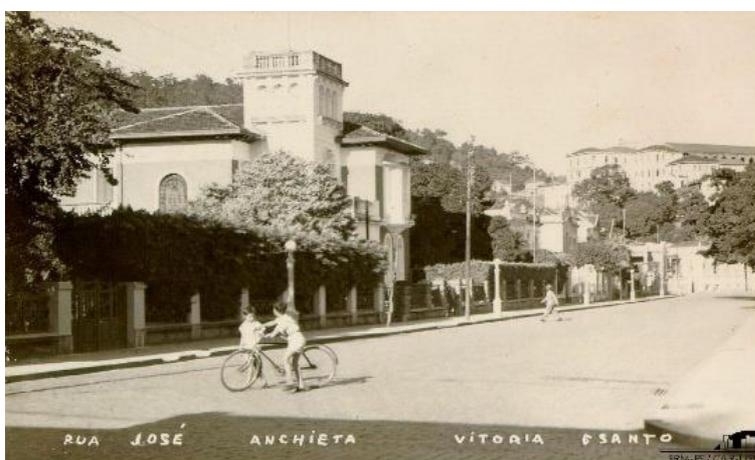
Fonte: BCU-ES/CAR-UFES

Nesse contexto, merece destaque, ainda, o fato de que *“a proposta de remodelar, higienizar e embelezar a cidade de Vitória (...) sintonizava-se com a utopia do progresso e da modernidade, e com o presságio de mudança da economia do país, do setor agrícola para o industrial”* (LOPES, 2011, p. 37). O que estava em jogo era a constituição de uma nova ordem social e os espaços públicos urbanos, por meio dessas reformas, representavam não só o encaminhamento desse ideal, mas funcionam também como *“objetos sociais, carregados de valores próprios”* (CONTI, 2011, p. 5), se tornavam bens simbólicos capazes de expressar essa modernidade alcançada, basta lembrarmos dos escritos de Júlia Lopes de Almeida ao observar, deslumbrada, a transformação da paisagem da cidade de Vitória, episódio já destacado alhures.

Os pequenos palacetes e bangalôs construídos no entorno do Parque

Moscoso foram feitos por exigência do Código de Posturas, havendo a partir disso uma valorização do bairro com a transferência das construções de alto padrão, o que simbolizava o poder das elites locais, em especial, da aristocracia cafeeira. Segundo Muniz (2001), o bairro se tornou uma versão menor do chamado bairro-jardim. Tratou-se do primeiro bairro planejado da cidade. Ao contrário da região de seu entorno com construções de aspecto mais simples, coladas umas às outras ao longo de ruas estreitas, ao redor do Parque Moscoso as ruas eram largas, os terrenos eram espaçosos e as residências cercadas por jardins (KUSTER, 2003) (Figura 09).

Figura 09 – Entorno do Parque Moscoso, 1936. Rua José Anchieta, autor desconhecido



Fonte: FRM-ES/CAR-UFES

Dentro desse modelo urbanístico, inspirado no francês, foram construídos praças e jardins públicos nas pontas das grandes avenidas, com esculturas e monumentos, para transformá-los em lugares voltados às interações sociais e à *flânerie*¹¹ (LOPES, 2011). É dessa forma que o Parque Moscoso depois de inaugurado torna-se um ponto importante dos acontecimentos da

¹¹ A prática da caminhada - do flânar sem rumo pela cidade - ganhava relevo nesse contexto social. Cabe lembrar aqui da figura de Baudelaire e do *flâneur*, na Paris do século XIX. Lopes (2011, p. 33) desenvolve essa ideia: “as ruas e avenidas da metrópole moderna estimulavam o transitar prazeroso do *flâneur*, que desvelava e vivenciava nelas as mais imprevisíveis experiências sensoriais e perspectivas, concretas e imaginárias, objetivas e subjetivas, deixando-se envolver por cores, cheiros, sabores, toques, olhares, vozes, movimentos, luzes, sons, potencializando a memória e uma profusão de sensações”.

cidade. Segundo Lima Jr. (2005, p. 62), ele “*se tornou o cartão de visitas da cidade. As alamedas e os caminhos sinuosos eram os locais de passeio onde todos se deixavam fotografar pelos folclóricos ‘lambe-lambes’*”. Antes dele eram escassos os pontos de sociabilidade na cidade de Vitória (CANAL FILHO, 2012).

Esse é o período do parque contemplativo, feito para a flânerie, para pessoas deslizarem suavemente em meio a um cenário delicadamente concebido, imaginando estarem a passear em uma Arcádia tropicalizada, na qual todos os arranjos espaciais foram idealizados e implementados de modo a criar uma paisagem alheia à realidade do entorno. (MACEDO e SAKATA, 2003, p. 21).

Nas décadas seguintes à criação do Parque Moscoso as ações modernizadoras vão se intensificar por meio de novos aterros na cidade, dentre eles o que ocorreu em 1925 na “*área alagável nas proximidades do Forte São João*” (KLUG, 2009), que reforçou a opção urbanística pela expansão da malha urbana na direção leste e permitiu a ocupação da área existente entre o Maciço Central e a baía (IBIDEM). Além disso, foram privilegiadas nesse mesmo período a abertura de vias, dentre elas a construção da Ponte Florentino Avidos, um marco na ligação da ilha de Vitória à parte continental da cidade de Vila Velha.

Com as intervenções feitas no governo de Florentino Avidos (1924-28) são reiniciadas também as obras na região do porto, nas proximidades do Parque Moscoso, que haviam sido suspensas em 1906. Nessa administração foram construídos os três primeiros galpões, que ficaram prontos entre 1927 e 1928 (a conclusão da obra do porto só ocorreria mais tarde, em 1939). Tais intervenções transformaram a relação da cidade com a baía, tanto no quesito da ocupação espacial quanto visual, reduzindo a visibilidade do mar em decorrência do soerguimento das referidas construções. Neste mesmo período “*Vitória já se apresentava como principal centro comercial do Espírito Santo, mas ainda possuía um sítio urbano de dimensões reduzidas.*” (KLUG, 2009, p. 33).

Desse modo, na primeira metade do XX uma nova paisagem urbana já se configurava na região central de Vitória. Todavia, por trás do verniz cultural da *cidade planejada e moderna* estava alinhado um ideal político muito claro: o desenvolvimento econômico. Vale destacar que as intervenções na

infraestrutura urbana que discutimos até aqui foram encampadas como parte do projeto de modernização da área central e, portanto, portuária, da cidade, cujo fim era promover e deslanchar as atividades comerciais. Sabe-se, por exemplo, que no período da administração de Jerônimo Monteiro (1908-12) o porto de Vitória já se destacava no cenário econômico do Espírito Santo, sobretudo por conta da exportação do café, mas também pela importação de outros produtos, tendo “*um movimento marítimo calculado em 74% ao ano de embarcações, contribuindo com um total de 500 mil toneladas de mercadorias*” (LIMA Jr., 2005, p. 72). Cabia, portanto, a cidade moderna abrigar um porto salubre e ordenado, sem o qual as atividades comerciais ficariam comprometidas. Diante desse quadro, consegue-se compreender qual deveria ser o papel da cidade: “*prosperar por sua aptidão ao escoamento de produtos, garantindo seu futuro econômico.*” (FREITAS, 2010, p. 45)¹².

Não obstante, no seio dessa *cidade-conceito* (CERTEAU, 2014), panóptica, moldada pelos interesses políticos e desenhada/criada pelas mãos de planejadores, urbanistas e técnicos, havia/há uma cidade vivida. Resta-nos agora, na sequência deste artigo, trazer à baila os usos sociais desse espaço planejado: o Parque Moscoso. Importa entender de que modo esse espaço passou a ganhar vida tornando-se um *lugar praticado*; também buscaremos compreender os modos de produção dessa nova paisagem no espaço da cidade e seus sentidos imbuídos, a partir das ações e apropriações dos seus praticantes.

O Parque Moscoso: um lugar praticado

Para Certeau (2014, p. 161) “*a linguagem do poder ‘se urbaniza’, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico*”. Todavia, esses movimentos apenas conseguem ganhar visibilidade quando declinamos da perspectiva do *olhar do alto* – o olhar distante dos planejadores – e passamos a perceber as coisas ao *rés do chão*, ou melhor, quando nos prontificamos a observar as derivas no espaço urbano e a encarar a experiência dos seus enigmas e mistérios. Nesse âmbito, a vida cotidiana e anônima acontece na sua miríade. Ela aparece nas diferentes maneiras de fazer, de tecer práticas e de assinar de forma criativa e errática o

¹² Para um estudo detalhado da relação entre a reforma urbana, a construção do porto de Vitória e a lógica do desenvolvimento econômico sugerimos consultar, além do trabalho de Souza e Freitas (2010), os trabalhos de Siqueira (2010) e Ribeiro e Siqueira (2012).

desenho geométrico da cidade. Os autores dessa arte e escritores dessa gramática são os *praticantes ordinários da cidade*, aqueles que a tornam, de fato, um espaço habitado de sentidos: “*eles são caminhantes, pedestres (...) cujo corpo[s] obedece[m] aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo a corpo amoroso.*” (CERTEAU, 2014, p. 159).

A urdidura dessa trama torna a cidade um espaço vivo, ao mesmo tempo singular e plural. Seu colorido se compõe do matiz fragmentário das trajetórias de seus praticantes, dos caminhos, encontros e desencontros que cruzam suas histórias. No próprio *texto da cidade planejada pulsa uma cidade transumante, metafórica*, já disse Certeau, e isso nos faz pensar numa cidade que vibra com a dinâmica dos seus caminhantes e das práticas em curso. Os deslocamentos de sentidos que são parte desse processo tornam-se modos de subverter os códigos desses espaços planejados, ampliando os seus usos.

Sob essa inspiração buscamos entender como as áreas verdes, tais como os parques e passeios públicos – lugares propícios para o exercício do caminhar, do flunar, para a prática dos encontros com amigos e a família, as brincadeiras de crianças, etc. –, tornam-se lugares de múltiplas apropriações culturais. Estas áreas são pensadas aqui como espaços de vivências, de histórias e memórias. Nelas encontramos modos de sociabilidade, processos de interação, apreensões simbólicas, experiências sensoriais, assim como o afloramento de sensibilidades, dadas as dimensões estéticas, paisagísticas e os elementos artísticos que as compõem.

(...) o espaço vive da performance, da instabilidade e criatividade dos usuários do lugar, que nele agem como poetas, no sentido de criadores. O espaço como lugar praticado é uma criação que se faz dentro das regras e transgressões, possibilitadas pela ordem da estratégia de poder estabelecida. (CAMPELO, 2012, p. 17).

É no mundo fenomênico, ou seja, na emergência do espaço como experiência sensível, que vamos encontrar aberta uma das portas da paisagem (BESSE, 2014). Essa experiência nos conta do imprevisível desse encontro com um *fora* - um *outro* -, ou seja, com o mundo concreto, vivenciado por meio dos sentidos e emoções. Há, portanto, uma “*certa maneira de estar no mundo e ser atravessado por ele (...). A paisagem é o nome dado a essa presença do corpo*

e ao fato de ele ser afetado, tocado fisicamente pelo mundo ao redor, suas texturas, estruturas e espacialidades: há nisso algo como um acontecimento.” (BESSE, 2014, p. 47). Essa abordagem nos remete, ainda que com ressalvas, à ideia de *lugar praticado*, no sentido atribuído por CAMPELO (2012), autor que discute o *existir no/com o mundo* como uma experiência partilhada e promotora de vínculos. Não há como pensar que somos meros espectadores da paisagem, somos antes seus agentes produtores, seus praticantes. Assim, a paisagem torna-se uma experiência viva e aberta à criação.

O Parque Moscoso enquanto espaço de interação, um lugar vivido, significado e praticado, torna-se um espaço potencialmente constitutivo para as experiências de paisagem. Conseguimos sistematizar algumas formas de uso desse espaço no período que compreende a sua inauguração em 1912 até 1950. Destacamos na Tabela 01, abaixo, algumas delas.

Tabela 01 - Usos sociais do Parque Moscoso

Categoria	Usos Sociais
Sociais/Culturais	Festas populares (Carnaval)/ Almoços/ Inaugurações/ Bailes públicos. Retretas no Coreto (concerto popular realizada por uma banda em praça pública)/ Alvorada (concerto popular realizada por uma banda em praça pública no arraiar do dia)/ Passeios (<i>footing</i>)/ <i>Flânerie</i> / Lugar para descanso/ Ócio/ Apreciação da natureza/ Namoro (<i>flert</i>)/ Lugar de passagem/ Brincadeiras infantis/ Atrações de fora/ Exposição no Orquidário/ Turismo/ Lugar para fotografias (lambe-lambes).
Religiosos e Filantrópicos	Missas campais/ Quermesses/ Bingos (tômbolas)/ Festas religiosas/ Reuniões/ Ações de caridade.
Militares/Cívicos/Políticos	Solenidades/ Desfiles/ Atos Cívicos/ Manifestações patrióticas/ Evoluções militares (treinamento, ginástica sueca)/ Marchas.
Desportivos	Criação de agremiações esportivas/ Torneios esportivos. Internos e Intermunicipais/ Partidas de vôlei, basquete e tênis/ Tardes desportivas/ Patinação e hóquei no <i>rink</i> / Escotismo, Bandeirantismo/ Soltura de balão/ Corrida rústica.
Educacionais	Aulas de campo/ Conferência literária/ Aula e

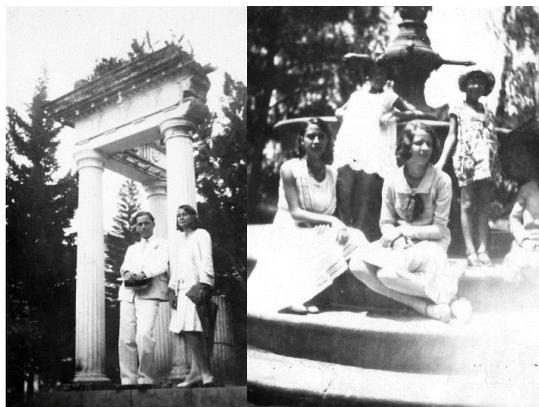
	recreação dos estudantes do Jardim de Infância/ Desfiles escolares.
--	--

Fonte: Elaborado por Larissa Pinheiro com base na sistematização das informações coletadas nas fontes: Revista Vida Capichaba (entre 1920 a 1949) e Jornal Diário da Manhã (entre 1900 a 1939).

Dentre os usos do espaço do parque encontramos os socioculturais, religiosos, militares, desportivos e educacionais. Incluímos na classificação de sociocultural os usos mais intangíveis, que envolvem os passeios, o ócio, a apreciação da natureza, os corpos enamorados e seus flertes, dentre outros descobertos durante a pesquisa. São variados os modos que fazem do parque um lugar incorporado às dinâmicas de sociabilidade locais, seja por meio das festas e celebrações (populares, militares, políticas e religiosas), seja como espaço de lazer, de prática esportiva, de reunião da família, como ambiente educacional, etc.

Segundo Vilaça (2001, p. 12), *“ir ao Parque Moscoso era passeio de luxo, as roupas domingueiras sacudindo o cheiro de naftalina, o corre-corre das crianças, as famílias caminhando em bandos de felicidade, os gansos grasnando”*. As fotografias abaixo¹³ revelam momentos de lazer das famílias que faziam do Parque Moscoso um lugar de encontro e de registro visual de suas visitas (Figuras 10 e 11).

Figuras 10 e 11 - Famílias no Parque Moscoso, década de 1930



Fonte: Acervo da família Santos Neves e site Estação Capixaba

¹³ Material digitalizado. Acervo da família Santos Neves.

O Moscoso enquanto espaço habitado de vivências revela surpresas para quem o pesquisa. Era um dos lugares privilegiados de circulação das classes abastadas, que, como sabemos, habitavam os ricos palacetes no entorno do parque. Àquela época o que havia de *mais moderno* na cidade estava concentrado no Centro, era lá onde se podia demarcar de modo mais contundente as formas de distinção socioeconômicas, e por conta disso o parque se tornou um local privilegiado para ir com a família e se apresentar à sociedade. Os registros visuais mostram a presença de famílias importantes da cena capixaba usufruindo de sua ambiência, como fica registrado no acervo de fotografias da família Santos Neves (sobrenome tradicional na cena política do Espírito Santo).

O Parque Moscoso é o jardim dos namorados. Toda a noite, lá estão eles, á doce luz do luar, ou á claridade das lâmpadas electricas, sonhando o sonho bom dos espiritos felizes... Eles (Ella é a encantadora princesa de sangue italiano e elle, o moço querido das rodas elegantes) também vão ao Parque. E ficam lá, horas esquecidas... si os bancos falassem... (REVISTA VIDA CAPICHABA, 1935, p. 10).

Um lugar para ver e ser visto - para externalizar símbolos de distinção social -, também um lugar para namorar e experienciar a atmosfera aprazível. São várias as formas sociais de uso do espaço do parque privilegiadas pela elite – *o moço querido das rodas elegantes*, como destaque acima – e também por outros usuários, como veremos mais adiante. No entanto, merece relevo um uso específico que tem a ver com a apreciação estética de uma natureza ordenada. Podemos notar que juntamente com a construção do parque passaram a ser forjadas, também, representações sociais sobre o seu espaço, sua arquitetura e beleza. Um ideal de natureza idílica, controlada e harmoniosa ganhava preponderância e, juntamente com ele, a produção de um tipo de educação estética da cidade, como destaca a reportagem do Diário da Manhã (1919, p. 2):

*A louçania do jardim de Victoria é motivo de gabo de todos os forasteiros que passam nesta capital. Dizem-lhe em admirações, a maciez do relvado, o folhelho rumoroso, o piso bem ensaibrado, os repuxos cantantes, as aguas múrmuras do lago artificial. Das ruinas também elogiam a hellenica simplicidade (...). **Tudo alli é harmonioso; é uma paragem de conforto e bem estar.** Nem tão grande que fatigue o passeiante, nem tão*

angustiado que de um só olhar se lhe percebam os cantos e extremidades. Há no parque proporção e medida; alamedas que não cansam, arvores jovens, arbustos ainda em plena mocidade. A mão do homem, edificando na paisagem alpestre de Victoria, aquele pedaço de planície, enfeitando-o de flores, alfaiando-o de galas, trabalhou nobremente pela educação esthetica da cidade (Grifo nosso).

A ideia de uma *educação estética* da cidade corrobora uma educação dos sentidos, que acede um ideal de civilidade como fruição do belo, algo bem marcante e sub-reptício ao processo de modernização do espaço urbano de Vitória na primeira metade do século XX. O parque, seu paisagismo e suas alamedas elegantes passam, assim, a representar um marco dessa educação estética: de mangue – imagem preterida – para jardim ordenado, uma verdadeira promenade. Desta feita, o parque se torna um lugar para o cultivo dessa experiência sensível, para externalizar sentimentos e admirar a natureza, ou melhor, uma ideia particular de natureza, principalmente aquela *edificada pela mão do homem, feita harmoniosa*.

Retomando a questão dos usos e apreensões sociais do parque, cabe destacar que ele era dividido em duas alamedas principais. Nelas aconteciam as principais atividades ligadas à vida da cidade, a exemplo das comemorações do carnaval, inclusive já existia o “carnaval fora de época”. As crianças aproveitavam a folia vestidas à caráter como se observa nas fotografias abaixo:

Figuras 12 e 13 - Foliões infantis no Parque Moscoso, década de 1950



Fonte: Acervo da família Santos Neves e site Estação Capixaba

Sobre os carnavais no Parque Moscoso descobrimos que eram bastante animados. Reuniam-se vários blocos da mocidade que realizavam ensaios antes dos desfiles, e sempre acompanhados por uma banda. Durante os festejos eram realizadas batalhas de confete, serpentina e lança-perfume (que na época não era proibido). Também se promovia o corso, que era um desfile de automóveis onde os foliões se apresentavam fantasiados e mascarados, nas ruas adjacentes ao Moscoso.

Outros eventos ocorriam no Parque Moscoso, como bailes públicos, onde vários pares dançavam em uma pista cimentada, e também por vezes eram distribuídas gratuitamente bebidas e sanduíches ao público presente. Também eram realizadas festas temáticas, onde não somente os participantes iam à caráter, mas o próprio parque era enfeitado e iluminado para ocasião. Havia, ainda, festas com mote religioso, seguindo a forte tradição católica, como as tradicionais festas de São Pedro, que em dado momento também foram realizadas no parque. Também no sentido religioso foram promovidas quermesses¹⁴ com várias finalidades como, por exemplo, para levantar fundos para a construção da Catedral Metropolitana, e realizadas missas campais, como ilustra a Figura 14.

Figura 14 - Missa no Parque Moscoso, s/d



Fonte: Arquivo Público de Vitória

¹⁴ As quermesses cumpriam uma função filantrópica como, por exemplo, para o socorro aos necessitados, como flagelados das chuvas. A Associação das Damas de Caridade promovia várias dessas ações filantrópicas, como: distribuição de comidas, roupas e brinquedos para crianças pobres da cidade.

Além das atividades civis, também havia a presença militar dentro do parque, já que perto dele funcionava o quartel da polícia militar (Figura 15). Por conta dessa influência era comum a ocorrência de atividades como evoluções e treinamentos na região. No coreto do Parque Moscoso, que não mais existe, a banda da polícia militar realizava retretas¹⁵ e alvoradas, onde eram apresentadas peças do repertório erudito e popular.

Figura 15 - Vista parcial do Parque Moscoso. Foto adquirida de Rui de Oliveira, s/d



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves

A vida cívica estava muito presente no cotidiano do Parque Moscoso devido a influência das ideias liberais e republicanas, recém implantadas no país. A exemplo disso, ocorreram algumas manifestações patrióticas no período das guerras, reunindo um grande público. Também eram comemoradas datas como o Dia da Pátria, quando se realizava uma parada das forças armadas e dos colégios, acompanhados de execução do hino nacional e hasteamento da bandeira brasileira. No Parque Moscoso também ocorreu, por diversas vezes, o alistamento militar.

Não era incomum a prática de atividades desportivas dentro das imediações do Parque. O Jornal Diário da Manhã de 1917 deu notas da inauguração de um *rink* onde se praticava patinação e hóquei. A Revista Vida

¹⁵ Exibição de uma banda de música, geralmente em lugar público.

Capichaba (1929, p. 38) apontou também a prática de esportes como voleibol, basquetebol e tênis. Foi criada uma agremiação desportiva chamada *Parque Tennis Club* que promovia torneios *singles* e em duplas que ocorriam nas quadras do parque. Além disso, também ocorriam jogos relacionadas à prática do escotismo que reuniam escoteiros e bandeirantes em competições nas alamedas do Parque (Figura 16).

Figura 16 - Grupo de escoteiros e bandeirantes no Parque Moscoso, s/d



Fonte: Arquivo Público de Vitória

As principais escolas de Vitória estavam próximas ao Moscoso, como o Colégio do Carmo, a Escola Normal Pedro II, o Colégio Salesiano, o Colégio Americano Batista, o que permitia o trânsito de estudantes naquela região, como é possível identificar nas Figuras 17 e 18. Com relação às atividades educacionais, eram realizadas conferências literárias no interior do parque, momento em era montado um palanque. Também aconteciam aulas de campo dentro do referido espaço. A partir da década de 1950 passou a funcionar nos seus arredores o Jardim de Infância Ernestina Pessoa. Aparentemente, não havia separações entre os dois espaços o que possibilitava a realização de atividades ao ar livre, de modo que era possível trabalhar com vários brinquedos e materiais pedagógicos a fim de desenvolver a percepção sensorial de acordo com os métodos de ensino modernos divulgados no início do século XX (Figura 19).

Figuras 17 e 18 - Estudantes no Parque Moscoso. Década de 1940 e 1950,

respectivamente



Fonte: Acervo da família Santos Neves e site Estação Capixaba

Figura 19 – Atividades pedagógicas ao ar livre no Parque Moscoso, s/d



Fonte: Arquivo Público do Espírito Santo

Nesse período pesquisado - a primeira metade do século XX - encontramos um significativo volume de ações e repertórios sociais acontecendo no Parque Moscoso e em suas imediações, como já foi apresentado. Fruto de um projeto urbanístico idealizado para atender mais imediatamente as elites, essa área pública e seu espaço verde vão assumindo novos contornos sociais à medida que as experiências *na/da* cidade se alteram na condição de seus usos. É possível perceber como ao longo de sua história o Parque Moscoso vai paulatinamente se tornando um espaço generativo de práticas e sentidos. Torna-se ele próprio um tipo de personagem na ambiência da cidade, um observador participante das transformações desse espaço. Mais tarde, a partir da

década de 1950, será o espectador de um novo processo de transformação: a verticalização do Centro de Vitória, com a construção de prédios altos e modernos e o desenvolvimento do comércio. Nesse mesmo período as famílias abastadas começam a se transferir para outras áreas da cidade consideradas mais nobres. Posteriormente, em 1973, o próprio Parque será alvo de reformas, dentre elas ganhará as atuais grades que o circundam, conforme nos conta Santos Neves (2014, p. 13).

Considerações finais

Afinal de contas, qual a relevância de um estudo sobre o Parque Moscoso? A história do Parque, contada neste artigo, evoca a história da própria cidade de Vitória, da ocupação e transformação da sua região central. Os projetos urbanísticos encampados no período pesquisado, a primeira metade do século XX, estavam afinados com os ideais de civilidade e de progresso alardeados pelas metrópoles europeias e brasileiras, e a cidade de Vitória não ficou incólume a essa influência. Ao estudar o Moscoso e a sua história conseguimos entender os matizes da gestação dessa nova ordem social: a figuração de uma paisagem urbana amparada pelos ideais de modernidade e desenvolvimento econômico (sobretudo das atividades portuárias)¹⁶.

Cabe pontuar que, inicialmente, não imaginávamos poder encontrar tantas informações e materiais sobre o Parque Moscoso. O volume encontrado nos surpreendeu. Descobrimos que desde a sua criação, em 1912, o Moscoso passou a ser palco de diferentes práticas sociais, envolvendo tanto atividades vinculadas às instituições locais, como a igreja e a polícia (quermesses, retretas, desfiles, etc.), quanto àqueles usos cotidianos mais à deriva, ou seja, os festejos de carnaval, os passeios de domingo, a *flânerie*, a prática do ócio e da fotografia, as caminhadas e a apreciação da natureza, os encontros amorosos, etc. Aconteciam também em suas imediações diferentes atividades escolares e pedagógicas, as quais ganhavam outras amplitudes quando experienciadas naquele espaço, tais como os trabalhos de campo e as conferências literárias em espaço aberto; além disso havia a prática de atividades esportivas. Esses diferentes usos compõem aquilo que foi chamado aqui de *lugar praticado*, ou seja, são os modos de fazer, considerados atividades produtoras e não

¹⁶ Posteriormente, após a década de 1950, seria a vez do desenvolvimento industrial, aspecto que não foi abordado neste artigo.

meramente reprodutoras, que engendram criatividade e deslocamento de sentidos nos espaços vividos.

Na medida em que se torna um espaço de vivências, o Moscoso vai se constituindo também como um lugar de memórias, as quais se tecem na dinâmica amíúde da cidade. As fotografias e os documentos investigados, os escritos literários, as narrativas cotidianas publicadas em jornais e revistas, ou seja, todas as fontes consultadas para esta pesquisa, foram tratados aqui como testemunhos dessas histórias e dessas memórias. São testemunhos num sentido fenomênico, caberia dizer, pois aparecem como flashes, ou melhor, como breves evocações dos modos de fazer dos praticantes da cidade. Consideramos assim porque sabemos que não há como depreender dessas fontes consultadas a totalidade das histórias vividas junto ao parque: *os lugares vividos são como presenças de ausências*, já disse Certeau (2014). Talvez aconteça assim porque os lugares acumulam, num tipo de língua muda, as experiências e os deslocamentos das pessoas e das coisas que lhes atravessam. Os lugares vividos abrigam os vestígios e as ranhuras impressos pela experiência temporal dos seus usos. Desta feita, para fins heurísticos, entendemos que o passado não pode ser revelado senão por breves lampejos, e é desse modo que as fotografias e os documentos consultados para a confecção deste artigo foram considerados.

É dessa forma, portanto, que concluímos esse trabalho sobre o Parque Moscoso. O que foi aqui contado são fragmentos das muitas tramas que perpassaram – e continuam a perpassar – a história cotidiana do referido parque. Inúmeros acontecimentos ocorreram nos seus limites desde a sua criação, apontamos alguns deles, há, contudo, um tanto de histórias entre os seus enigmas que desafiam a nossa capacidade narrativa. Quiçá em outro momento possamos acenar com alguma escrita.

Referências

ALBERNAZ, Maria Paula de; LIMA, Cecília Modesto. 1997. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*. São Paulo: ProEditores, Volume 01.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Cenas e paisagens do Espírito Santo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, 75 (126), 1912, p.175-217. online – site Estação Capixaba. Disponível em: < <http://www.estacaocapixaba.com.br/>>.

CAMPELO, Álvaro. *A Paisagem: Introdução a uma gramática do “espaço”*. António Vieira, Francisco Costa (Eds.). Aula inaugural do Curso de Doutoramento em Geografia. 11 de outubro de 2012 – Guimarães, Portugal.

CAMPOS JUNIOR, Carlos Teixeira de. 2002. *A construção da cidade: formas de produção imobiliária em Vitória*. Vitória: Floricultura.

CANAL FILHO, Pedro (Org.). 2012. *Parque Moscoso*. Vitória: Instituto Goia.

CERTEAU, Michel de. 2014. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.

CONTI, Raquel Félix. 2011. Vitória, em que espelho ficou guardada a sua face?. In: SCHÜTZ-FOERSTE, Gerda Magit; CONTI, Raquel Félix; FERREIRA, Sonia Maria de Oliveira (Org.). *Relendo imagens, atribuindo significados: as cidades que devem ser esquecidas*. Vitória: GM Gráfica e Editora.

DERENZI, Luiz Serafim. 1995. *Biografia de uma ilha*. Vitória: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.

DIÁRIO DA MANHÃ. 1911a. Rabiscos. *Diário da Manhã*, Estado do E. Santo, Anno VI, Num. 119.

_____. Noticiário. 1911b. *Diário da Manhã*, Victoria, Estado do E. Santo, Anno VI, Num. 174.

_____. Expediente. 1912. *Diário da Manhã*, Victoria, Estado do E. Santo, Anno VII, Num. 196.

_____. 1919. *Diário da Manhã*, Vitória, Espírito Santo, p. 2.

FERREIRA, Gilton Luis. 2016. *Na falta de uma cria-se outra: a expansão prematura da cidade de Vitória/ES*. XIX SHCU. Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Cidade, Arquitetura e Urbanismo: visões e revisões do século XX.

KLUG, Letícia Becalli. 2009. *Vitória: sítio físico e paisagem*. Vitória: EDUFES.

KUSTER, Eliana. 2003. *Marcovaldo e os doze passeios em Vitória*. Vitória: PMV.

LIMA Jr., Carlos Benevides. 2005. Jerônimo Monteiro (Coleção Grandes Nomes do Espírito Santo). Vitória: Contexto Jornalismo & Assessoria Ltda/ Núcleo de Projetos Culturais e Ecológicos.

LOPES, Almerinda da Silva. 2011. O modernismo liquefeito ou a flâneur não sai mais de casa. In: SCHÜTZ-FOERSTE, Gerda Magit; CONTI, Raquel Félix; FERREIRA, Sonia Maria de Oliveira (Org.). *Relendo imagens, atribuindo significados: as cidades que devem ser esquecidas*. Vitória: GM Gráfica e Editora.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. 2003. *Parques Urbanos no Brasil*. São Paulo: EDUSP.

MARGOTTO, Samira. 2004. *Cousas nossas: pintura de paisagem no Espírito Santo – 1930/1960*. Vitória: EDUFES.

- MOREIRA, Thais Helena; PERRONE, Adriano. 2007. História e Geografia – Espírito Santo. Vitória-ES.
- MUNIZ, Maria Izabel Perini. 2001. *Parque Moscoso*: documento de vida. Vitória: IHGES.
- PINTO JUNIOR, Arnaldo. 2012. Modernização urbana e educação das sensibilidades na cidade de Vitória (1890-1912). *Resgate*, vol. XX, nº23 – jan/jun.
- REVISTA VIDA CAPICHABA. 1920. *Feminea*. Revista Vida Capichaba, Vitória, Espírito Santo.
- REVISTA VIDA CAPICHABA. *Alfinetadas*. Revista Vida Capichaba, Vitória, Espírito Santo, 1935, p. 10.
- RIBEIRO, Luiz Cláudio; SIQUEIRA, Maria da Penha. 2012. Expansão e modernização dos portos de Vitória (séc. XX-XXI). In. RIBEIRO, Luiz Cláudio M. et all. (Orgs.) *Modernidade e Modernização no Espírito Santo*. Vitória: EDUFES.
- SANTOS NENES, Guilherme Luiz. 2014. *O menino Cadu e o passeio pelo parque centenário*. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia.
- SANTUCCI, Jane. 2003. *As promenades do Rio de Janeiro: o papel do Passeio Público, Praça Paris e Parque do Flamengo na história da paisagem carioca*. Tese (Doutorado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Rio de Janeiro.
- SIQUEIRA, Maria da Penha. 2010. A cidade de Vitória e o porto nos princípios modernos da urbanização no início do século XX. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 12, n. 24, pp. 565-584, jul/dez, 2010.
- SOUZA, Célia Ferraz de; FREITAS, José Francisco Bernardino. 2010. Os portos e a modernização das cidades brasileiras no início do século XX: Porto Alegre e Vitória. In. FREITAS, José Francisco Bernardino (Org.) *Diálogos: urbanismo.br*. Vitória: EDUFES; Niterói, RJ: EDUFF, 2010.
- SOUSA, Everaldo Simões. 2012. Espaço de memórias coletivas. *A Gazeta*, Vitória, ES, Cad. Pensar.
- VILAÇA, Adilson. 2001. *Os Lambe-lambes do Parque Moscoso*. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura.

History and memory of a park in the figuration of the city landscape

ABSTRACT

This article tells the history of Moscoso Park, a public green area located in the center of the city of Vitória-ES, through iconographic material and other

resources. The history of the park, which was opened in 1912, is a motto to understand the urbanization movement that occurred in this city, centred on the axis of beautification, rationalization and sanitation, in the first half of the twentieth century. As for the results of the study, we stress the different ways to use this green area that includes various civil and military activities, which reveals how the dynamics of socio-cultural life in the city of Vitoria has had the park as the epicenter of its events. The contribution we want to produce with this study includes a view of the urban landscape - and its transformations - closer to the experiences that mark its social uses as well as the sensibilities involved.

Keywords: Landscape, Urbanization, Green Areas, Moscoso Park.